

Gros e Funaro irão aos EUA para preparar à renegociação

por Riomar Trindade
de Brasília

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, não confirmou nem desmentiu a suspensão, por noventa dias, do pagamento dos juros da dívida externa aos bancos privados internacionais credores do País. Ontem, no começo da tarde, após participar de solenidade na Confederação Nacional da Indústria (CNI), Funaro, ao ser indagado sobre a suspensão do pagamento, disse que se tratava de uma "hipótese". "Eu, por enquanto, trabalho com a realidade e a realidade é que estamos discutindo uma forma de negociar a dívida, o resto são hipóteses", disse.

No final da tarde, ao retornar do Palácio da Alvorada, onde foi recebido em audiência pelo presidente José Sarney, Funaro afirmou que o único fato concreto existente é que o Brasil se prepara para a negociação da dívida externa e examina a melhor forma para negociar. O ministro anunciou que vai aos Esta-

dos Unidos durante o carnaval, acompanhado do presidente do Banco Central, Francisco Gros. "Não há decisão final. Estamos examinando, discutindo, pesquisando, ouvindo, para chegar à melhor forma de negociação da dívida externa com os bancos credores. E isto que existe: a disposição de negociar, uma negociação firme, para preservar o progresso brasileiro", afirmou.

O ministro da Fazenda disse também que o embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, veio ao Brasil — Marques Moreira retornou na quarta-feira à noite aos Estados Unidos — para fazer um relatório à comunidade banqueira norte-americana, maior credora do País. Segundo Funaro, Marques Moreira não recebeu nenhuma missão específica do presidente Sarney para desenvolver nos Estados Unidos.

Dilson Funaro disse, ainda, que o governo não examina qualquer mudança nas regras vigentes do mercado financeiro inter-

no. "Não haverá mudanças. O câmbio continuará com operações diárias, exatamente dentro da mesma política. Não há qualquer tipo de desvalorização maior, a economia continuará como está", disse, reafirmou a opção do governo pelo crescimento, negando qualquer ajuste na economia que signifique recessão e desemprego. Funaro observou, porém, que o Brasil dificilmente conseguirá manter saldos comerciais elevados como no passado, mas salientou que um superávit anual entre US\$ 8 e US\$ 9 bilhões "ainda é um dos maiores do mundo". Segundo ele, o governo "não vai fixar teto de expansão, mas está fixando oportunidade de crescer".

EMPRESÁRIOS

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), senador Albano Franco (PMDB-SE), que esteve ontem com Funaro, ao se pronunciar sobre a suspensão do pagamento dos juros da dívida, afirmou que os empresários e a

CNI defendem uma negociação política. "Essa negociação política exige compreensão por parte dos nossos credores, porque não podemos pagar a dívida com o não crescimento do Brasil. Eu confio no ministro Dilson Funaro e na sua equipe e julgo que terão condições de negociar com os banqueiros internacionais uma boa solução. Do contrário, o País terá mesmo de suspender em parte essa remessa de juros". O presidente da CNI declarou que, caso o Brasil decida pela suspensão do pagamento dos juros da dívida externa, os empresários aceitarão "o ônus das dificuldades que todo o País tem de passar, porque fazemos parte da sociedade". Já o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mário Amato, não acredita na suspensão do pagamento dos juros por noventa dias. "Acho que não haverá a suspensão do pagamento. O governo está administrando a dívida externa, acho que não chegará a esse ponto", afirmou.